apresentação

DOI 10.5380/2238-0701.2018n15p13-17

Tempos interessantíssimos

O ativismo na internet balança as redes – gera vastas emoções e pensamentos imperfeitos. É fenômeno que desafia o intelecto, mas também se arvora na arte da provocação. Chama para a briga. Desfere chutes na canela, destinados sem dó a essa insólita era de bipolaridades extremas e de excessos hiperativos. O novo mapa que desenha, com frequência faz ruir conceitos. Sem cerimônia, os fenômenos nossos de cada dia parecem pôr tudo a perder. E mandam recados, sempre urgentes, para que os discursos arrumem suas gravatas. Um dia, tomara, chamemos esta época – qual a fórmula modernista – de "tempos interessantíssimos".

A **edição 15** da revista eletrônica *Ação Midiática – Estudos em Comunicação Sociedade e Cultura,* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCom-UFPR), traduz, em alguma medida, esses abalos cotidianos apelidados de século 21. Em oito artigos e uma entrevista, o leitor vai circular por pontos em que a terra treme. O risco acadêmico é explícito. Mas também poderá desfrutar do ofício de oleiro, pondo-se a modelar o barro com que nossos dias estão sendo construídos.

Começa-se com "Evolución de los movimientos sociales em la red", um mergulho das pesquisadoras Carmen Haro Barba e Dafne Calvo nas lutas por moradia na Espanha. A estranheza é flagrante – por permitir transitar pelas políticas habitacionais de um país que, no senso comum, teria resolvido a carência dos sem-teto, garantindo-lhes o que é de direito; e por dissecar dois grupos sociais que não pedem licença – o 15M e o MVD. Ambos botam as cartas do ativismo online. À sua maneira, oferecem um laboratório não só para o uso das ferramentas digitais, como um manual de incômodos ao poder público.

Bom aquecimento para o salto seguinte – das aguerridas lutas por casa digna na Espanha se vai a Fortaleza, no Ceará, cenário onde atua um coletivo feminino de nome inspirado: "Ciclanas". Nem fulanas, nem beltranas, essas cicloativistas superaram, faz tempo, o exotismo e a curiosidade que suscitaram a princípio. Hoje, as feministas sobre rodas fazem parte das políticas afirmativas de mobilidade sustentável numa das cidades nordestinas de crescimento mais assombroso. Paralelo, são, sobretudo, "puxadoras" de uma conversa que não pode mais esperar – o corpo da mulher no corpo da cidade. Seguem David Harvey – e vão longe.

A lista de "questões em caráter urgente" se estende ao silêncio midiático, imoral no caráter, em torno dos desmandos que derrubam a Amazônia, sem piedade. O artigo "As vozes da agenda-setting no jornalismo ambiental" não assopra – ao contrário, recorre aos definidores da notícia para comprovar o peso de interesses políticos na cobertura da extinção da Reserva Nacional de Cobres e Associados (Renca). Foi em 2017, sob a caneta autoritária de Temer, e abriu a região para investimentos estrangeiros. Os estragos são latentes. O sumiço da área de proteção entre o Amapá e o Pará deixou populações em risco, mas nada que tenha alterado o bocejo dos sites da região. Os estudados aqui são *Diário do Amapá*, *G1*

Amapá e *SelesNafes.Com*. Sem meias palavras. Se é a imprensa alternativa que salva a natureza – como mostrou a jornalista Elvira Lobato, na grande reportagem *Antenas da floresta – a saga das TVs da Amazônia*, é também, por vezes, a que falta com a palavra.

A falta de pulso da cobertura de meio ambiente aparece mais uma vez – no encerramento da edição 15 – com o artigo "Da agência à sustentatibilidade", assinado pelos pesquisadores Antonio Cavalcante e Dina Ferreira. Na berlinda, os discursos da Rio+20, em análise, de modo a propor um exercício de contorcionismo: usar de umas tantas armas teóricas para dissecar temas espinhosos à causa ambiental – o "consumo", entre eles. Não menos "cubo mágico" é o texto "O *impeachment* de Dilma Rousseff nos editoriais do jornal *El País*". Tem-se aqui um fato alvissareiro, como se dizia. Ao contrário da grande imprensa brasileira, que titubeou em classificar como "irregular" ou "golpe" o processo contra a então presidenta Dilma, o jornal espanhol – com folga, um dos mais conceituados do planeta, à revelia de sua juventude (surgiu na década de 1970) – cravou a expressão exata para o que acontecia. Os editoriais, em geral pouco lidos, mas muito influentes, armaram uma arena para o debate. Na rabeira, com perdão ao adjetivo, uma deliciosa reflexão sobre o "jornalismo cínico".

O termo não aparece, mas também se aplica ao estudo "A cobertura do jornal *Gazeta do Povo* das questões de gênero e diversidade sexual nos planos da educação". O trabalho deve ter vida longa. A matéria prima que oferece é farta para uma pá de campos de estudos. Nem isenção, nem cientificidade, nem imparcialidade. Vigorou o obscurantismo e uma tomada de posição que ignora os consensos sociais. A educação – de bandeira da boca para fora – virou o ringue em que o debate de sexo e gênero encontrou um momento dos mais sombrios.

O ensino volta à baila no artigo "A interação como potência comunicativa na escola", valorosa contribuição para a técnica de resolução de problemas no ambiente educacional, em duas instituições de Florianópolis (SC). As redes de protesto e indignação, neste trabalho, ganham outra tecitura – a da comunicação cidadã, que se constrói no cotidiano, com a devolução da maior das potencialidades, o falar.

A trança entre comunicação, imprensa e ensino ganha outro capítulo com "Le financement participatif des médias" – um trabalho que nos transporta para o Oriente, precisamente ao Líbano, país que chega até nós em fragmentos esparsos de noticiário. Texto analisa opinião e percepção de estudantes de Jornalismo e de jornalistas acerca do sentido – e possibilidades – de financiamento alternativo de veículos de comunicação. Num mix de entusiasmo e apatia, o ganho do texto é perceber as reações – e possibilidades de reação – que se formam à margem da revolução trazida pela internet. Se as redes de indignação fazem o mundo girar, as alternativas emergentes de atuação jornalística oferecem uma trilha. Que pede para ser feita. Eis o ponto em que estamos.

A entrevista com o reitor da Universidade de Jujuy/UNJ, na Argentina, amarra a incursão além-fronteira da revista *Ação Midiática*. A conversa – mediada pelos pesquisadores Márcio Fernandes, Ariane Carla Pereira e Jorge Kulemeyer – provoca análise sobre a fragilidade das relações entre instituições de ensino superior da América do Sul. A essa altura dos ânimos, ganha o sabor de manifesto. Não era sem tempo.

Os editores